
A revista Família Cristã e o potencial educativo pela imprensa

The magazine Christian Family and the educative potential for the press catholic

Karolyne Amancio de Paula*
Evelyn de Almeida Orlando**

Resumo: O presente artigo insere-se no horizonte dos estudos historiográficos da História da Educação. Os pressupostos teóricos utilizados estão assentados na Nova História Cultural, Chartier (2002a, 2002b) na história dos impressos, Magaldi (2017) e na Educação Católica, Leonardi (2009), Dantas (2017), Bittencourt (2014). A análise histórico-documental tem por finalidade lançar

Abstract: The present article is inserted in the horizon of the historiographic studies of the History of the Education. The theoretical assumptions used are based on the New Cultural History, Chartier (2002a; 2002b) in the History of printed matter, Magaldi (2017) and Catholic Education, Leonardi (2009), Dantas (2017), Bittencourt (2014). The purpose of historical documentary

* Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Especialista em Alfabetização e Letramento pela Uninter, graduada em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR). Professora de Educação Básica da Prefeitura de São José dos Pinhais. Integrante do Grupo de Pesquisa *Pensamento Educacional Brasileiro: histórias e políticas*. Desenvolve pesquisa sobre História da Educação, imprensa periódica educacional, pedagogia católica e educação das famílias. E-mail: karolyneamancio@gmail.com

** Doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, com bolsa sanduíche na Universidade de Lisboa. Mestre em Educação e licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Sergipe. Professora na Escola de Educação e Humanidades e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Vice-líder do Grupo de Pesquisa *Pensamento Educacional Brasileiro: histórias e políticas* e membro do Grupo de Pesquisa *História e Memória da Educação Brasileira*. Desenvolve pesquisas na área de História da Educação com ênfase na relação entre educação, religião e cultura, privilegiando os seguintes temas: Igreja católica, intelectuais, impressos pedagógicos, práticas educativas, gênero. E-mail: evelynorlando@gmail.com

um olhar para a revista *Família Cristã*, da *Editora Paulinas*, direcionada às famílias brasileiras e, como objetivo, perscrutar as orientações transmitidas aos leitores, como forma de educar a sociedade. O marco temporal escolhido está relacionado à primeira publicação da revista, em dezembro de 1934, e se estende até março de 1993. Nosso propósito foi explorar a trajetória da revista no Brasil, bem como abordar seu potencial educativo nos leitores.

analysis is to take a look at the *Christian Family* magazine of the *Paulinas Publisher*, aimed at Brazilian families, and, in order to examine the orders transmitted to the readers as a way of educating society. The chosen time frame is related to the first publication of the magazine, in December 1934, and extends to the March 1993. Our objective was to explore the magazine's trajectory in Brazil, as well as to address its educational potential with readers.

Palavras-chave: Educação. Impressos católicos. Revista família cristã.

Keywords: Education. Printed catholic. Magazine christian family.

Introdução

O uso de revistas como instrumentos pedagógicos, destinados a educar a sociedade, vem ganhando relevância na historiografia através de pesquisas sobre a temática, bem como as possibilidades de apreender os saberes na relação desse tipo de suporte textual com o leitor. O presente artigo insere-se no horizonte dos estudos historiográficos, especificamente no campo da História da Educação e tem por objetivo perscrutar as orientações transmitidas aos leitores, como forma de educar a sociedade. Os pressupostos teóricos utilizados estão assentados na Nova História Cultural e na História dos impressos e da Educação Católica.

O impulso para este estudo partiu do intuito de conhecer a estratégia de recristianização da sociedade propagada pela Igreja católica na década de 1930, por meio da imprensa religiosa. Considerando legítimas e análogas as convicções de Dantas, ressalta-se:

A motivação para a investigação partiu do desejo de averiguar as diversas estratégias historicamente utilizadas pelo catolicismo no sentido de formar seus fiéis e como isso se legitima por meio de variadas modalidades de escritos. Essa relação se faz presente na sociedade e na escola e tem influenciado o pensamento educacional e prática de educadores (DANTAS, 2017, p.143).

Seguindo essa linha, a análise se propõe a explorar uma revista católica direcionada às famílias brasileiras.

Eleger periódicos como objeto de estudos permite que o historiador amplie suas fontes tradicionais e, assim, tenha acesso aos dispositivos discursivos que configuram determinados campo do saber. A análise desses materiais possibilita apreender como os indivíduos produzem seu mundo social e cultural – na intersecção das estratégias do impresso, que visa instaurar uma ordem desejada pela autoridade que o produziu ou permitiu sua publicação, com a apropriação feita pelos leitores: nesse espaço, percebemos as dependências que os unem e os conflitos que os separam, detectamos suas alianças e enfrentamentos (VILELA; SILVA; PINHEIRO; BARREIRA, 2004, p. 402).

É sob esse olhar que este texto aborda a revista *Família Cristã*, publicada pela *Editora Paulinas*. O marco temporal escolhido está relacionado à primeira publicação da revista, em dezembro de 1934 e se estende até março 1993. Nosso objetivo foi explorar a trajetória da revista no Brasil, bem como abordar seu potencial educativo aos seus leitores, a partir da seção “ A carta do mês”.¹ O público destinatário pretendido pela *Família Cristã* é anunciado em seu primeiro editorial, em dezembro de 1934, que cita a família como base fundamental para a propagação dos preceitos cristãos expostos nas publicações da revista.

A Igreja católica e a educação no Brasil

No Brasil, pode-se dizer que a família tornou-se o cerne das questões sociais como uma estratégia de recuperação da Igreja católica, no momento em que esta perdeu espaço oficial no Estado. Com a queda da monarquia, o catolicismo perde espaço no corpo social para o secularismo; as novas ideias e mentalidades estavam transformando o povo e a entrada de outras religiões no País asseverou essas mudanças, abalando o lugar hegemônico que a Igreja sempre ocupou no controle da organização da sociedade.

Deste modo, a Igreja se reorganiza e, nesse processo, dá atenção especial ao uso estratégico dos impressos e da imprensa periódica. De maneira associada, instituíram um projeto de autolegitimação, com trabalhos das congregações pelos continentes. Com as mudanças sociais, a Igreja se organizou em duas frentes: uma voltada para a romanização,

ou seja, a centralização do catolicismo em Roma; e uma segunda frente voltada para os trabalhos com os fiéis, na conquista de novos membros e na preservação dos antigos membros (KLAUCK, 2011).

O projeto de se fazer presente na sociedade a imprensa católica se torna estratégia de combate à disseminação de outras religiões e à modernidade, além de intervir nesta usando os impressos para a difusão da fé, como corrobora Martins:

Por outro lado, o aparelhamento institucional laico nascido com a República, em seu propósito de negação da Igreja, encontrou no periodismo larga representação, quando sucederam-se revistas científicas e institucionais, instrumentos que deram força, significado e visibilidade às realizações daquele campo de interesses até então inusitado, legitimando as agremiações institucionais e científicas nascidas com o novo regime. Em contraposição, disseminaram-se as revistas religiosas, beneficiadas pela recente liberdade de cultos, opondo-se ferrenhamente à pregação secular então encetada, cumprindo papel decisivo no controle da palavra e das mentes. Valendo-se de significativos recursos materiais, com gráficas próprias, bem aparelhadas e contando com subsídios vários, as revistas de cunho religioso alastraram-se, não raro qualificadas pela colaboração de talentosos articulistas e ilustradores do período. Maior circulação ainda obtinham as revistas de origem católica, com entrada garantida nos lares, vistas como inofensivas e benéficas às famílias de formação cristã, que conformavam a imensa maioria do País (MARTINS, 2003, p. 66).

Conjuntamente com os impressos católicos, a Igreja promoveu a abertura para a instauração da educação confessional a todos os segmentos da sociedade. Da mesma forma, a reinserção da religião por meio do ensino para os fiéis através de aulas de ensino religioso nas escolas públicas e da organização de uma rede de escolas privadas secundárias, (MESQUIDA, 2001, p.127).

A missão educativa deveria se efetuar junto à elite, em particular a elite urbana, atraindo-a para as hostes da Igreja e preparando-a para exercer influência junto às autoridades constituídas, a fim de incluir o ensino da religião católica nas escolas públicas, e recuperar a hegemonia social e política abalada com a separação dos “dois poderes”, o Estado e a Igreja (MESQUIDA, 2001, p.127).

Em meio a essa trama política, a Igreja católica aproveitou a oportunidade para expandir suas dioceses por todo o País. O maior número de construções ocorreu nos estados de maior poder, riquezas e também em locais onde se instalaram muitos imigrantes europeus. Com o avanço da modernidade, tanto a Igreja quanto o Estado e a sociedade tinham a educação como ponto em comum. O ensino era visto pela Igreja como a forma de recristianizar a sociedade com ideias conservadoras. Deste modo, para o Estado a construção de escolas confessionais católicas vinha suprir a defasagem do ensino ofertado pelo próprio governo.

Chegando ao Brasil na qualidade de missionários, os religiosos constituíram o principal núcleo das novas orientações da Igreja para a educação. Raríssimos foram os institutos que não se envolveram com a atividade, pois, ao controlar o sistema educacional, a Igreja poderia, na verdade controlar o sistema de difusão de idéias (ZULIAN, 2005, p. 57).

Congregações como lazaristas, jesuítas, dominicanos e salesianos montaram tipografias e contribuíram com a impressão do que consideravam “bons livros” para o povo. Segundo Vieira, “surgiria daí um grande trabalho de impressão e divulgação visando a ‘dissipar das mentes as trevas da ignorância e do erro’” (VIEIRA, 2007, p.169).

Até meados do século XIX, existiam poucas congregações religiosas no Brasil, das quais, ressaltamos, as Ursulinas, na Bahia, o Mosteiro da Luz, em São Paulo, as Carmelitas Descalças e as Irmãs Concepcionistas, do Rio de Janeiro; todas advindas de famílias nobres. Após 1895, chegaram as Irmãs Francesas de Bordeaux e, de acordo com Vieira, com isso, “a pedidos dos bispos reformadores ou de religiosos de carisma semelhante, algumas congregações religiosas femininas europeias começaram a se instalar no Brasil, destacando-se, sobretudo, nas áreas de saúde e de educação” (VIEIRA, 2007, p.171). Entre elas, se sobressaíram: as *Filhas da Caridade*, as *Irmãs de São José de Chambéry*, as *Irmãs de Santa Doroteia de Frassinetti*, as *Irmãs Franciscanas da Penitência e da Caridade Cristã* e as *Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils*.

As congregações femininas de origem francesa propiciaram notáveis contribuições na educação, uma vez que não existia um quadro de

docentes para suprir as necessidades de todo o País e, com isso, elas ganharam espaço na educação brasileira. Assim, o governo passa a promover um projeto de educação para o País, que acreditava-se ser a solução para todos os problemas que ocorriam na época. (LEONARDI, 2009).

As escolas confessionais femininas tinham o intuito de educar as jovens, pensando nas famílias e na sociedade que estas formariam. Zulian corrobora os apontamentos que dizem respeito à educação feminina ofertada pelas congregações confessionais católicas. Segundo ela, acreditava-se que a mulher seria a influenciadora de seu marido e, posteriormente, de toda a sua família; assim, obedecendo aos preceitos religiosos estas seriam recristianizadas e, com isso, se formaria uma sociedade voltada para o catolicismo (ZULIAN, 2005).

Deste modo, a Igreja católica foi se fazendo presente na formação intelectual e social do País.

Assim, na tentativa de recuperar antigas posições, a Igreja Católica batalhou em duas frentes: em uma, lutando arduamente para modificar a Constituição, a fim de possibilitar o ensino religioso nas escolas públicas, em outra, abrindo, mais e mais, colégios católicos, face à abertura de outros colégios confessionais (luteranos, presbiterianos, metodistas, batistas). A Igreja Católica voltou, assim, as atenções, preferencialmente, para a educação feminina, sem descuidar da educação masculina e sem desativar as outras formas já tradicionais de doutrinação (ZULIAN, 2005, p. 58).

A Igreja, taticamente, foi se remodelando, de acordo com as novas demandas da sociedade republicana, dentre elas a da civilização pela educação e, nesse sentido, diferentes estratégias foram mobilizadas, incluindo o uso da imprensa. De acordo com Azzi:

Durante a década de 20, começaram a surgir no Brasil movimentos que apregoavam a necessidade de uma verdadeira revolução social. Diante dessas novas ideias, a hierarquia católica julgou chegada a hora oportuna para oferecer ao governo republicano sua colaboração (AZZI, 1977, p. 75).

A atuação na educação, na construção de colégios confessionais católicos, a recuperação das aulas de Ensino Religioso nas escolas públicas

e a atuação dos intelectuais católicos, conjuntamente com políticos adeptos ao catolicismo, foram os primeiros corolários da Igreja católica. De acordo com Magaldi (2017, p. 29), “[...]seu projeto de constituição de uma ‘nação católica’, embasado no argumento de que o catolicismo seria o elemento cultural e espiritual que conferiria unidade à nossa sociedade”.

O Centro Dom Vital² foi criado em 1922 para abrigar leigos católicos, visando formar quadros intelectuais que deveriam fortalecer o campo religioso nos diferentes lugares que ocupavam no campo político, social e cultural. Esses estudiosos católicos eram formados e fortalecidos visando os lugares que ocupavam ou ocupariam nos quadros dirigentes da nação.

Segundo Magaldi (2017, p. 29), “[...] esse movimento, que congregou intelectuais e educadores católicos, a partir dos anos de 1920, definiu com eixo de luta a retomada do espaço perdido pela instituição [...]”.

Já nos anos 1930, Vargas, alinhando seus ideais aos preceitos católicos, propiciou um espaço na sociedade para que a Igreja disseminasse valores que conquistassem as famílias brasileiras. Com esta abertura para a instalação das congregações, as Irmãs Paulinas chegaram ao País com um objetivo: promover os meios sociais católicos na comunidade. Desta forma, elas iniciaram seu trabalho em 1931, em São Paulo. Então, iniciaram um serviço de divulgação da doutrina católica para a sociedade e que chegava às famílias pelo impresso, uma vez mais, caracterizado como estratégia de recristianização da Nação.

A revista *Família Cristã*

Três anos após a chegada da primeira Irmã Paulina, Dolores Baldi, da Itália, os trabalhos tipográficos surgiram juntamente com a revista mensal *Família Cristã*; tornando-se um dos primeiros segmentos a se integrar com a missão da Congregação no Brasil.

Em entrevista com a atual editora-chefe da revista, a Irmã Maria Alba V. Garcia³ relembra:

Em 1931, vieram para o Brasil as primeiras irmãs, novinhas com 23 anos, primeiro veio uma depois as outras. Uma das áreas que ela começou logo foi a Família Cristã, temos aqui a primeira edição, que está encadernada, frágil, mas dá para usar. A primeira coisa que ela

pensou é chegar para as famílias e ali já está delineado, simples na cartinha de abertura da revista, uma espécie de editorial, ela já coloca o objetivo e a gente lendo aquilo percebe que o objetivo é sempre valores cristãos, culturais, religiosos, nessa área da cultura entra esporte, lazer (GARCIA, 30 jul. 2017).

Esse primeiro editorial, citado pela Irmã Maria Alba, esclarece o propósito da revista para as famílias brasileiras.

Glória a Deus e Paz aos homens é o programa que orienta este periódico: **contribuir à boa formação da família**, e por conseguinte, a restauração moral religiosa da Sociedade (pois a família é a base da sociedade) é o fim prefixo. Dirige-se em modo especial às Mães e às moças, porque a mulher é a dona da casa: a paz e o bem-estar da família depende muitas vezes do procedimento da mulher (REVISTA FAMÍLIA CRISTÃ, dez. 1934, p. 3, grifo nosso).

Com o intuito de contribuir pedagogicamente⁴ para a boa formação familiar e, conseqüentemente, para a formação da nação, a revista se estabelecia ancorada na educação, religião e mídia. Sobre essa base, difundia um modelo de educação para as famílias brasileiras, a partir da produção de laços afetivos com os leitores desenvolvidos e na possibilidade de diálogos mais estreitos, que funcionavam como importantes instrumentos pedagógicos. Essa ligação era observada pelas cartas dos leitores publicadas nas seções “A carta do mês” e “Confia-me seu problema”, onde estes questionavam sobre assuntos abordados em publicações anteriores.

Com o propósito de restauração da Igreja junto à sociedade, as Irmãs Paulinas trabalharam para que a *Família Cristã* circulasse pelo povo, através de viagens missionárias que faziam, ao oferecer assinatura da revista nas casas e a distribuição de livros e da revista em livrarias e bancas do País.

Nos anos iniciais da editora, a revista era processada por um equipamento precário, comprado pelas irmãs já usado. O primeiro exemplar dela foi publicado em dezembro de 1934, continha 16 páginas em preto e branco, impressas em 600 exemplares em papel-jornal. Ela era classificada como boletim e não tinha autonomia absoluta para suas publicações, sendo necessária uma conversa das irmãs com representantes

do governo, a fim de conseguir recursos, como papel, além do pleitear a reclassificação da *Família Cristã* como revista. Porém, como existia um interesse mútuo entre Igreja e o governo varguista, esta foi recuperando seu prestígio e espaço na sociedade com a aliança, recebendo um respaldo em suas ações.

A relação estabelecida entre Igreja e Estado configurou-se por uma troca de favores. A Igreja Católica precisou estabelecer um diálogo constante com o governo, na intenção de manter os princípios e valores cristãos nas instituições públicas de ensino, bem como para se manter presente junto às decisões políticas. O fato de a religião Católica estar inclusa no pacote correspondente aos valores pertinentes à cultura nacional, que configurava o contrato social da sociedade brasileira, justificava o interesse de Vargas em manter a cordialidade e o apoio da Igreja à sua gestão (SILVA, 2010, p. 37).

Este tratado entre Vargas e a Igreja católica obtinha um ponto em comum, segundo Silva (2010, p. 12): “Compreendida como a pedra angular, a Igreja e o Estado se mobilizaram para proteger a família contra as intempéries da modernidade e promover a conformação social de uma nova ordem social”. Assim, a instrução das famílias pela educação, imprensa, periódicos, catequese eram promovidas tanto pela Igreja quanto pelo Estado.

Na segunda metade da década de 1930, a circulação da revista ganhou propagação por todo país. Alinhados à vertente tradicional⁵ da igreja, os conteúdos apresentavam uma visão apologética, desejando promover a religião. Segundo Nascimento (2007, p. 32): “não eram citados acontecimentos da época da sociedade brasileira, a não ser a referência à Ação Católica”. Essa estratégia editorial foi, portanto, chancelada pela Igreja, uma vez que, em todas as publicações, era possível encontrar o carimbo da Igreja católica com aprovação eclesial. Nascimento (2007, p. 32) afirma: “Os primeiros textos eram relacionados à doutrina [...] à culinária, à costura, à higiene e à saúde. Raramente apareciam curiosidades e acontecimentos mundiais”. Em sua dissertação, ela ainda analisa um exemplar da revista de dezembro de 1935, no qual, cita conteúdos sobre o sagrado e o profano, anunciando o mundo como um lugar inseguro para o cristão, pois trazia armadilhas do mal e “os inimigos a serem combatidos seriam os protestantes, os espíritas, os livres pensadores, os cientistas e os adeptos do comunismo” (NASCIMENTO 2007, p. 33).

Na década de 1940, a revista *Família Cristã* apresentou um formato maior de 18 cm x 27 cm, com impressão em duas cores. As seções começaram a ser divididas para pais, crianças, jovens. “Em seu interior, as ilustrações ganham espaço e se tornam um recurso gráfico mais artístico e informativo do que, meramente, para preencher um espaço”.⁶ As imagens vão além de meros desenhos, apresentam mensagens que transcendem para questões sociais. Para esta produção em larga escala, era necessária a impressão da revista por uma gráfica profissional e, em 1954, a impressão do periódico muda para a Gráfica Ambrosiana.

Perceber essa mudança no formato implica atentar para o investimento feito no impresso, o que indica, por sua vez, a clareza que a congregação possuía em seu potencial educativo. Segundo Machado Junior,

as revistas são confeccionadas em material de melhor qualidade que o jornal, como se fossem produzidas para durar mais. Seu surgimento está intimamente ligado às inovações tecnológicas que foram implementadas no setor gráfico e de impressão ainda no século XIX, acentuando-se sua produção e sua diversidade logo no início do século seguinte (MACHADO JUNIOR, 2006, p. 39).

Com a produção na gráfica, a qualidade do material melhorou e o tempo de produção diminuiu, além da expansão da quantidade de tiragens. Ainda assim, “os fotolitos da capa vinham da Itália. Quando a revista completou 25 anos de circulação pelo País, ganhou mais páginas e uma divisão em dois cadernos”: um em preto e branco e outro colorido.⁷ Os fotolitos das capas eram confeccionados pela primeira gráfica, fundada pelo Padre Tiago Alberione e, depois, cuidados pela congregação dos Padres Paulinos.

Na década de 1960, os exemplares da revista chegaram à casa de 130 mil famílias, distribuídos entre assinaturas e livrarias da congregação. A Irmã Maria da Glória Bordeghini⁸ relata como eram as viagens missionárias e como colaborou com a implantação da revista:

Sempre trabalhei com a divulgação da revista *Família Cristã*, era quase que a única revista católica de evangelização para a família. As pessoas acolhiam com muito carinho e a gente tranquilamente fazia de 180 a 200 assinaturas em cada viagem missionária que fazíamos, indo de

porta em porta. O nosso primeiro objetivo era oferecer a revista *Família Cristã*, as pessoas realmente gostavam da revista e digo que a revista não tinha toda diagramação que tem hoje. Os conteúdos, aliás, a gente sempre primou por conteúdos de evangelização, de promoção para a família e ela sempre se distinguiu com as áreas para as famílias, para os esposos, para a juventude, para as crianças e adolescentes. Ela sempre tinha seções específicas, dirigidas a esses destinatários, os leitores (BORDEGHINI, 2017).

Os temas voltados para as famílias eram bem demarcados. As imagens apontavam o homem como protetor e supridor do lar, a mulher como mãe e cuidadora, os filhos submissos aos pais. Desta forma, a representação que regularmente aparecia nas capas e imagens da revista seguia um modelo de família tradicional, sempre harmoniosa, demonstrando o equilíbrio de um lar cristão.

As capas, e todas as ilustrações da revista *Família Cristã* tinham o propósito de educar os leitores por meio de personificações de famílias harmônicas, felizes e aprovadas pelos preceitos da Igreja católica. Essa intencionalidade passou pela diagramação do título da revista, como afirma Irmã Bordeghini:

[...] Reflete muito no título, mudou a diagramação, mas nunca lançou mão da palavra família, antes o família cristã era tudo grande, do mesmo tamanho, agora ficou cristã, porque o enfoque é a família, a ideia era que a revista não chegasse somente nas famílias católicas, mas em todas as famílias, o que ela tratava servia para todas as famílias, então colocou cristã pequena, porque o enfoque era a família, todas as famílias, porque os conteúdos que ela tratava servia para todas as famílias, o interesse maior era a família (BORDEGHINI, 2017).

Assim, o título almeja a construção de uma identidade ou de um modelo de família conforme o entendimento da Igreja na época. Entretanto, Bordeghini (2017) também afirma que a revista se destinava a todas as famílias. Segundo Chartier (2002b, p. 62), “é preciso lembrar que as formas que permitem sua leitura, sua audição ou sua visão participam profundamente da construção de seus significados”. As imagens das capas e dos artigos dentro da revista suscitam a normatização do ideal de comportamentos, pessoas, famílias, juntamente de seus papéis dentro da sociedade.

[...] na imprensa de revista, é possível apreendermos não somente imagens e textos que nos dão informações sobre práticas escolares, sobre instituições e grupos de ensino, mas também podem ser seus conteúdos aproximados com aqueles aplicados à ideia de condicionamento da educação. Se a escola ensina determinadas coisas, por que não as revistas, evidentemente dentro de uma lógica muito diferente, também não o fazem? (MACHADO JUNIOR, 2015, p. 115).

A partir do entendimento de que a imprensa utiliza meios pedagógicos para modelar a sociedade, podemos afirmar que a *Família Cristã* salienta esta característica nos artigos, nas imagens, na forma como se apresenta para a sociedade.

Em 1970, o número de assinantes chegava a 200 mil. O periódico aumentou seu número de páginas para 68; contando com várias seções e com colaboradores leigos para a edição dos artigos. “Sua produção passou a ser totalmente realizada no Brasil, dispensando materiais (inclusive os fotolitos) vindos da Europa” e a impressão da publicação passou a ser responsabilidade da gráfica da Editora Abril.

Com o remodelamento dos periódicos católicos, a *Família Cristã* também começou a contar com pessoas especializadas, direcionadas para os diversos segmentos da revista.

Os editores passaram a escrever de forma diferenciada à sociedade, com um olhar empático aos problemas que cercavam a população. Direcionados pelas mudanças dentro da Igreja, e alinhados às vertentes mais progressistas, adotaram algumas práticas discursivas mais complacentes aos seus congregados. Segundo Dalmolin (2012, p. 12): “Essa ‘nova linha de evangelização’ é referida pela autora como reflexo do projeto de Igreja Popular e das repercussões do encontro de Puebla”. A editora estava acompanhando a modernidade social e em meio às tramas de acontecimentos dentro e fora da Igreja, investia no cuidar individualizado aos leitores da revista.

Na perspectiva da imprensa pós-conciliar, tanto Rainha como Família Cristã demonstram, portanto, uma gradual integração aos valores da sociedade, especialmente quando contrastadas ao perfil que as revistas apresentavam no período anterior ao Concílio Ecumênico. Demonstram sintonia com as problemáticas sociais e partilham vários dos temas em debate em foco pela mídia na época, expressando desse

modo estender seu foco de preocupações para fora dos muros da Igreja e das questões específicas desta. A exceção se faz aos temas que guardam relação com os valores naturais, que continuam a expressar uma Igreja intransigente no que tange a seus valores mais fundamentais como o direito à vida (DALMOLIN, 2012, p.13).

A partir deste ponto, a revista *Familia Cristã* cresceu e ganhou edições em inglês, italiano, português e espanhol, ampliando a circulação dos saberes ali abordados para outros espaços e culturas. A ideia de editar em várias línguas demonstra o anseio de circulação do periódico, em países que ainda não haviam sido alcançados pelo carisma paulino.

O periódico, como as revistas, de modo geral, busca atender o que Chartier (2002a, p. 71) classifica como “‘horizonte de expectativa’ do público ao qual são endereçadas [...]”. No entanto, elas também contribuem plenamente para modelar as antecipações do leitor face ao texto”.

Assim, as estratégias utilizadas pela editora para a divulgação da revista servia para atrair leitores de diferentes classes sociais, gêneros e/ou mesmo religiões. Este olhar para a diversidade social é resultado de algumas influências que esta sofreu ao longo dos anos 1970, como cita Nascimento:

Entre as fontes que mais influenciam na FC na escolha das pautas estão o Concílio Vaticano II, as Conferências Episcopais Latino-Americanas— Medellín e Puebla, a CNBB, o contexto eclesial, a conjuntura brasileira e documentos do Papa João Paulo II. Entre os autores que contribuíram com suas ideias para a revista estão Dom Eugênio, Dom Hélder Câmara, Leonardo Boff e Frei Beto. A FC que representava uma igreja hierárquica, tradicional e conservadora passa a ter uma visão de Igreja que valoriza o pobre como um novo líder capaz de viver a religião em acordo com a própria cidadania, inserido social e politicamente (NASCIMENTO, 2007, p. 35).

Na década de 1980, a revista ganhou uma densidade jornalística, consagrando-se no ramo, com diferentes seções e artigos em vários temas. No ano de 1988, a matéria *Crianças prostituídas*, produzida pela Irmã Rogéria Botasso, conquistou o prêmio Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj).¹⁰

Já nos anos de 1990, o periódico ganhou um novo processo de editoração eletrônica, tornando-se “uma das primeiras revistas do país a substituir o processo manual de produção gráfica com o uso de programas de computador, seus textos, leiautes, gráficos, ilustrações e fotografias”.¹¹ Depois desse avanço tecnológico, o passo seguinte rumo à modernização aconteceu em 2002, quando lançou a edição da revista *on-line*, o que lhe rendeu o prêmio *Dom Helder Câmara*, oferecido pela CNBB.

Em 2012, a *Família Cristã* alcançou novas conquistas ao ganhar, novamente, o prêmio *Dom Helder Câmara* por sua edição *on-line* da publicação e por disponibilizar possibilidades de acessos ao *blog* via *smartphones* e *tablets*, além do *site* e das redes sociais, como *Facebook* e *Twitter*.

Em janeiro de 2015, foi publicada a edição 950, em comemoração aos 100 anos de fundação da congregação Pia Sociedade Filhas de São Paulo, com o editorial *O sonho que se sonha junto é realidade*, matéria que relata a trajetória das Irmãs Paulinas no Brasil. Na mesma edição foram publicados artigos em comemoração ao aniversário da congregação.

A *Família Cristã*,¹² com ideais de promover conhecimento e educação às famílias, corrobora o conceito de que as revistas são resultado da interação de intelectuais envolvidos no processo de produção de conhecimento (SIRINELLI, 2003, p. 249). Esse conceito coloca em realce as pessoas que estão envolvidas neste processo, uma vez que dá a ver suas ações, como uma estratégia de afirmação de um grupo e esse espaço como um celeiro de ideias.

Ela alcança diferentes nichos de leitores, instruindo-os por seus conceitos. O espaço de sociabilidade se dá, também, através da conexão com seus consulentes e assinantes, que, através das trocas de cartas, promovem laços afetivos e de confiança.

O que eu defendo aqui é a ideia de que as revistas de variedades, mesmo quando não se direcionaram a determinados conteúdos de natureza escolar, também desempenharam uma determinada função formativa, mesmo que seus efeitos sejam, dentro da perspectiva histórica, muito difíceis de serem apreendidos (MACHADO JUNIOR, 2015, p. 116).

Ao analisar a trajetória da revista, observam-se as mudanças ideológicas que ocorreram ao longo dos anos, tanto nos conteúdos

abordados pelos artigos, na visão da editora como na maneira progressista da Igreja conduzir seus caminhos, em consonância com os avanços da sociedade moderna. Esse remodelamento pode ser sentido pelos temas abordados ou mesmo pelo foco em determinados grupos sociais e discursos.

De acordo com o depoimento da Irmã Maria Alba Vega Garcia, “a revista não é só uma revista religiosa, nem devocional, é jornalística, aí foi passando o tempo e ela foi se atualizando e mudando bastante”.¹³ Essas mudanças progressivas foram voluntárias ao acompanhar os movimentos modernos da sociedade.

Em páginas de revistas encontram-se vestígios de um passado. Ao folheá-las com os dedos, múltiplas informações culturais apresentam-se sintetizadas num espaço diagramado em papel, como se ordenadas também fossem as relações que regem as sociedades. A composição do conteúdo de uma revista pressupõe códigos semânticos e pragmáticos que são construídos como que numa árdua trajetória, tal qual passaram historicamente as práticas que desencadearam nas denominadas teorias da comunicação (MACHADO JUNIOR, 2006, p. 51).

A *Família Cristã* atualmente consolida uma linha editorial e filosófica que, como afirma em relação ao seu projeto gráfico, a faz: “Uma revista cristã católica de caráter jornalístico especializada nas virtudes, problemas, anseios e no dia-a-dia da família, trazendo informação, cultura e religiosidade a jovens, crianças e adultos” (PROJETO GRÁFICO & EDITORIAL, 2014, p. 25).

Assim, são objetivos deste documento: “falar com a família”, essência de todo trabalho da revista *Família Cristã*; ser uma “publicação solidária e comprometida com os que defendem os direitos humanos, principalmente os direitos dos excluídos e das minorias” – objetivo baseado na quebra de paradigmas que causou o Concílio Vaticano II e estreitamente articulado às Conferências de Medellín e Puebla nas décadas de 1960 e 1970; e, por último, o desejo de “ser uma revista que apresente temas atuais e, quando necessário, a discussão de conteúdos polêmicos seguindo critérios éticos do jornalismo que contribui para a melhor compreensão em pauta” (PROJETO GRÁFICO & EDITORIAL, 2014, p. 25).

Com isso, a revista mostra que, diferente do que acontecia no início, está inteiramente ligada com o jornalismo, pois, como afirmou

Nascimento (2007), esta não abordava temas polêmicos na década de 1930. Assim, ela buscava oferecer para a sociedade um ambiente para o diálogo com as pessoas sobre o cotidiano.

Ao delinear esse novo projeto gráfico e editorial, a editora indica que pretende um novo empreendimento, a saber: uma publicação que “caracteriza-se por ser uma publicação ágil, dinâmica e indispensável”, uma revista que faça a diferença no mercado editorial. Para isso, “o editorial e o marketing deverão comunicar a imagem da revista” (PROJETO GRÁFICO & EDITORIAL, 2014, p. 25).

A revista estima pela família, como afirma o documento *De formação e informação, com o foco na família*, não se distanciando da evangelização e dos preceitos religiosos, “trate de enunciados polêmicos, pensando a partir da linha de perspectiva de Jesus Cristo e sua proposta para o reino”. Os assuntos são escolhidos com a perspectiva de que “apresentem temas relacionados a comportamentos e relacionamentos interpessoais” e, principalmente, que “aborde o cotidiano do leitor: trabalho, vida, lazer, esporte, escola”. O foco nos direitos humanos é evidente ao afirmar que “ofereça conteúdo em que se posicione na defesa dos direitos humanos” (PROJETO GRÁFICO & EDITORIAL, 2014, p. 25).

Atualmente, a revista tem como público destinatário privilegiado “famílias e interessados”. Ela continua com a periodicidade mensal, com formato de 22,2 x 26,6 com uma média de 92 páginas, disponibilizadas em quatro cores, impressas na Editora Abril desde a década de 1970 e distribuída por assinatura, e venda direta nas livrarias Paulinas (PROJETO GRÁFICO & EDITORIAL, 2014, p. 26).

Uma análise da seção “A carta do mês”

A ampla quantidade de cartas da seção “A carta do mês”¹⁴ publicadas nas páginas da revista constituíram-se como cerne para apreender os conhecimentos concedidos aos seus leitores. Os assuntos discutidos nas cartas que vieram a público foram agrupados por proximidade de conteúdo e separados por fatores como: ano/ mês da revista; seção de cartas – páginas; título e conteúdo da pergunta identificada; resposta identificada; direcionamento para qual público; enquadramento dentro do projeto pedagógico. A partir da organização das cartas orientadas por esses critérios, foram elencados os seguintes eixos: educação social, educação familiar, orientação sexual, orientação psicológica, educação religiosa, educação formal.

Foram analisados e coletados dados de 26 cartas para educação social, 69 sobre educação familiar, 239 sobre educação religiosa, 120 sobre orientação sexual, 6 sobre educação formal e 29 de orientação psicológica. Algumas revistas apresentaram mais de uma carta publicada. O *corpus* arrolado para esta análise foi de 489 cartas publicadas entre os anos de 1960 a 1993. O recorte amostral se constitui de cartas indiciárias¹⁵ de inquietações da sociedade e, ao mesmo tempo, de intenções pedagógicas da Igreja para os fiéis. Considerando o eixo “educação social” foram atribuídas cartas que falavam sobre cidadania; em “educação familiar”, respostas sobre como pais e filhos devem se comportar moralmente; em “educação religiosa”, os preceitos cristãos que devem ser seguidos pelos fiéis; em “orientação sexual”, assuntos relacionados ao matrimônio e relacionamentos; em “educação formal”, conteúdos relacionados ao sistema de ensino de crianças e adultos e, em “orientação psicológica”, temas que falam de doenças emocionais e de alcoolismo.

Conclusão

A *Família Cristã* fez parte de um projeto maior da Igreja católica em conquistar um espaço que havia sido fortemente abalado com a República pela recristianização da nação brasileira. Conseguiu realizar seu propósito de circular pela sociedade, utilizando seu potencial educativo como um instrumento pedagógico para professores, catequistas, educadores. Produziu um conjunto de saberes endereçados à educação do povo; foi um veículo de produção cultural a serviço do catolicismo, e que mobilizou diferentes estratégias retóricas para se aproximar de seus leitores, como a seção “A carta do mês”.

Podemos dizer que a seção de cartas, assim como toda a revista *Família Cristã*, tinha uma função pedagógica com uma disposição formativa para educar as famílias ao estabelecer com elas um diálogo. Cartas foram utilizadas como estratégia, no sentido de orientar as pessoas quanto aos princípios e valores que deveriam assegurar a harmonia da família. Além disso, foram também utilizadas como uma estratégia, de cooperar com a educação que vinha sendo trabalhada nas escolas, assentada em princípios científicos e considerada, portanto, proveitosa, sem perder de vista a baliza da doutrina católica.

No período de 1934 a 1960, a Revista veiculou um conjunto de saberes pedagógicos alinhados com a vertente conservadora / tradicional da Igreja católica com relação às famílias, à educação dos filhos e,

principalmente, das mulheres, que deveriam se dedicar ao lar e à família. Entretanto, a partir da década de 1960, o editorial apresentou mudanças significativas, alinhando-se aos preceitos do Concílio Vaticano II, visando um olhar específico ao ser humano e às demandas sociais do País, bem como uma empatia aos problemas das minorias da época, algo acentuado em vertentes mais progressistas, e que prevalece na revista até os dias de hoje.

O trabalho de base da Igreja católica utilizando o impresso como um instrumento para educar e doutrinar a sociedade foi efetivo. No caso da revista, isso pode ser sentido, por exemplo, no aumento de sua circulação e na sua expansão para outros países. A revista tinha adesão pelas famílias que concordavam com os conteúdos trazidos em suas páginas e, conseqüentemente, tornava-se, para estas, um importante auxiliar neste processo educacional.

Notas

¹ Este trabalho é parte de uma dissertação de mestrado produzida no âmbito do projeto “Educação, gênero e cristianismo: circulação, representação, formação e práticas femininas em cenário religioso e educativo”, contemplado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), no Edital Universal 2016. Processo: 424863/20162.

² O Centro Dom Vital foi uma instituição que representou um dos principais espaços de organização da intelectualidade católica desde sua fundação, em 1922 (MAGALDI, 2017, p. 29).

³ Entrevista realizada no dia 30 de julho de 2017 em visita à *Editora Paulinas*, São Paulo.

⁴ O termo utilizado refere-se à finalidade de que a revista confessional outorga-se pedagógica ao ensinar aos seus leitores valores, preceitos, conceitos, sobre conteúdos destinados aos pais, às crianças e aos jovens.

⁵ Igreja católica com sua vertente tradicional, no qual, o Papa Pio IX proclamou o Concílio Vaticano I, em 1869, com preceitos contra o cientificismo, modernismo e principalmente delegando ao Papa o poder da palavra, a Infalibilidade Papal, pois, com o regime de padroado, as Igrejas nos continentes ganharam atributos locais e nacionais. A Infalibilidade Papal é a garantia da palavra do Papa não ser questionada, porque certa e imutável, além de ser a palavra de autoridade que domina todos os católicos, independentemente da nação.

⁶ Citação retirada do histórico do *site* da revista *Família Cristã*. Disponível em:

<https://www.paulinas.org.br/familia-crista/>. Acesso em: 27 set. 2018.

⁷ Citação retirada do histórico do *site* da revista *Família Cristã*. Disponível em: <https://www.paulinas.org.br/familia-crista/>. Acesso em: 27 set. 2018.

⁸ Entrevista cedida pela Irmã Maria da Glória Bordeghini, responsável pela Livraria Paulinas em Curitiba, em visita no dia 0 jun. 2017.

⁹ Citação retirada do histórico do *site* da revista *Família Cristã*. Disponível em: <https://www.paulinas.org.br/familia-crista/>. Acesso em: 27 set. 2018.

¹⁰ Citação retirada do histórico do *site* da revista *Família Cristã*. Disponível em: <https://www.paulinas.org.br/familia-crista/>. Acesso em: 27 set. 2018.

¹¹ Citação retirada do *site* da revista *Família Cristã*. Disponível em: <https://www.paulinas.org.br/familia-crista/>. Acesso em: 27 set. 2018.

¹² Na Itália, Padre Alberione “passou a revista diretamente para os Paulinos. A *Família Cristã*, [...] ao longo do tempo tornou-se uma publicação semanal muito divulgada e apreciada na Itália” (COLLESEI, 2014, p. 26). No Brasil a responsabilidade ficou com as Irmãs Paulinas que tornaram a edição da revista mensal.

¹³ Entrevista cedida pela Irmã Maria Alba Vega Garcia, responsável pela Editora Paulinas em São Paulo, em visita no dia 30 jul. 2017.

¹⁴ O *corpus* arrolado para esta análise foi de 489 cartas publicadas entre os anos de 1960 a 1993, na seção de cartas “A carta do mês” objeto central da dissertação

de: PAULA, Karolyne Amancio de. *Revista Família Cristã e o discurso pedagógico: uma análise da seção “Carta do Mês” (1960-1993)*. 2018. 174f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2018.

¹⁵ “O que caracteriza esse saber é a capacidade de, a partir de dados aparentemente negligenciáveis, remontar a uma realidade complexa não experimentável diretamente” (GINZBURG, 1989, p. 152).

Referências

ABREU, Alzira Alves. *A modernização da imprensa (1970-2002)*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zamar, 2002.

AZZI, Riolando. O início da restauração católica no Brasil: 1920-1930. *Revista de filosofia Síntese*, v. 4, n.10, 1977. Disponível em: <http://faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/2398>. Acesso em: 27 jun. 2018.

BITTENCOURT, Agueda Bernardete. O livro e o selo: editoras católicas no Brasil. *Pro-Posições*, v. 25, n. 1, (73), 2014, p. 117-137. Disponível em: <http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8642483/9993>. Acesso em: 7 maio 2017.

BORDEGHINI, Maria da Glória. *Depoimento para a Comep*, São Paulo(s/d). Disponível em: www.paulinas.org.br/comemp/ptbr/?system=paginas&action=read&id=361. Acesso em: 29 set. 2018.

CHARTIER, Roger. *À beira da falsia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: Universidade, 2002a.

CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora Unesp, 2002b.

COLLESEI, Gabriella. *Venerável Tecla Merlo: mil vidas pelo Evangelho*. São Paulo: Paulinas, 2014.

DANTAS, Maria José. Fascínio equatorial de Paula Romana: uma estratégia de circulação e divulgação do carisma da unidade. In: ORLANDO, Evelyn de Almeida (org.). *Histórias da Educação Católica no Brasil e em Portugal*. Curitiba: Appris, 2017. p. 141-160.

KLAUCK, Samuel. A imprensa como instrumento de defesa da Igreja católica e de reordenamento dos católicos no século XIX. MNEME – *Revista de Humanidades*, n. 11, p. 132-148. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/viewFile/1022/973>. Acesso em: 7 maio 2017

LEONARDI, Paula. Igreja católica e educação feminina: uma outra perspectiva. *Revista HISTEDBR on-line*, n. 34, p. 180-198, jun.2009. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/34/art12_34.pdf. Acesso em: 13 out. 2017.

MACHADO JUNIOR, Claudio. *Fotografias e códigos culturais*:

- representações da sociabilidade carioca pelas imagens da revista *Careta* (1919-1922). 2006. 145f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. Em nome da família: imprensa católica e debates educacionais brasileiros (anos 1930 e 1950/60). In: ORLANDO, Evelyn de Almeida (org.). *Histórias da educação católica no Brasil e em Portugal*. Curitiba: Appris, 2017. p. 25-48.
- MARTINS, Ana Luísa. Da fantasia à história: folheando páginas revisteiras. *Revista História* São Paulo, 22, v. 1, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/his/v22n1/v22n1a03.pdf>. Acesso em: 29 out. 2018
- MESQUIDA, Peri. Educação e hegemonia católica no Brasil (1870-1900). In: Revista *Diálogo Educacional*. v. 2. n. 3, p. 113-128, jan/jun. 2001. Disponível em: <http://www.redalyc.org/html/1891/189118142008/>. Acesso em: 20 dez. 2017.
- NASCIMENTO, Maria Natividade. *A religiosidade popular na Revista Família Cristã: uma análise das matérias que aparecem na seção cultura popular das edições de 1980 a 1981*. 2007. 149f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.
- PAULA, Karolyne Amancio de. *Revista Família Cristã e o discurso pedagógico: uma análise da seção “Carta do Mês” (1960-1993)*. 2018. 174f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2018.
- PEREIRA, Heloísa Helena Daldin. *O habitus cajuruense: cultura escolar do curso normal do Colégio Nossa Senhora de Lourdes na década de 1960*. 2014. 332 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2014.
- SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma História política*. Rio de Janeiro: Ed. Rio de Janeiro – FGV, 2003. p. 231-270.
- SILVA, Luciandra Gonçalves da. *Sob o símbolo da cruz: questão social, família e educação nas relações entre Estado e Igreja no Brasil (1930-1945)*. 2010. 145f. Dissertação (Mestrado em educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2010.
- VIEIRA, Dilermando R. *O processo de reforma e reorganização da Igreja no Brasil (1844-1926)*. São Paulo: Santuário, 2007.
- VILELA, Marize Carvalho; SILVA, Cláudia Panizzolo Batista; PINHEIRO, Ana Regina; BARREIRA, Luiz Carlos (org.). Estudo de periódicos: possibilidades para a história da educação brasileira. In: MENEZES, Maria Cristina (org.). *Educação, memória, história: possibilidades, leituras*. Campinas, SP: Mercado de letras, 2004. p. 401-450.
- ZULIAN, Rosângela Wosniack. *Identidade e experiência: uma escola confessional na República Velha*. Curitiba: Champagnat, 2005.

Fontes

BORDEGHINI, Maria da Glória. *Entrevista cedida a Karolyne Amancio de Paula*. Curitiba, jun. 2017.

GARCIA, Maria Alba Veja. *Entrevista concedida a Karolyne Amancio de Paula*. São Paulo, 30 jul. 2017.

PROJETO GRÁFICO & EDITORIAL, 2014. Acervo da Editora Paulinas, São Paulo.

REVISTA FAMÍLIA CRISTÃ. Editorial ano, p. 3, dez.1934. Acervo da Editora Paulinas, São Paulo.